

Geografia e Turismo: Uma Introdução ao Estudo de suas Relações

Revista Rosa dos Ventos

6(l) 52-65, jan-mar, 2014

© O(s) Autor(es) 2014

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



*Elsbeth Léia Spode Becker*¹

RESUMO

Poucas ciências possuem tantas aproximações em seus universos de análise quanto a Geografia e o Turismo. Neste texto busca-se enfocar algumas observações, que podem servir de introdução aos estudos voltados para a análise dos elementos que envolvem a paisagem, bem como ensaiar o estudo da paisagem na perspectiva interdisciplinar da Geografia e do Turismo, no exemplo de caso de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Palavras chave: Turismo. Geografia. Paisagem. Santa Maria, RS.

ABSTRACT

Geography and Tourism: An Introduction to the Study of its Relations - Few sciences have so many approaches in their universes of analysis as Geography and Tourism. This paper aims to focus some observations which can serve as introduction to studies that analyze the elements that involve the landscape. This paper also aims to rehearse the landscape studies in interdisciplinary perspective of Geography and Tourism, in a case example of Santa Maria city, Rio Grande do Sul, Brazil.

Keywords: Tourism. Geography. Landscape. Santa Maria, RS, Brazil.

INTRODUÇÃO

A Geografia tem por objeto de estudo o espaço geográfico. Apesar da crise epistemológica e conceitual contida nessa definição que, geralmente, é criticada pela noção de indefinição ou amplitude inerente ao objeto de análise da ciência geográfica, considera-se o espaço geográfico como natureza e sociedade em dinâmica. De seu dinamismo, resultam interações bastante numerosas dos diversos elementos que o compõem: elementos físicos (clima, solo, relevo, geologia, vegetação, água, atmosfera) e humanos (economia, cultura, história). As numerosas relações que se tecem no espaço geográfico podem ser encaradas, com finalidades didáticas e de pesquisa, de duas maneiras principais: de um ponto de vista global (ou geral),

¹ **Elsbeth Léia Spode Becker**- Doutora. Professora do Curso de Geografia e de Turismo do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

considerando-se as relações que interessam a todo o sistema e envolvem o maior número possível de elementos; de um ponto de vista setorial (ou regional), considerando-se aquelas que envolvem alguns dos elementos do sistema.

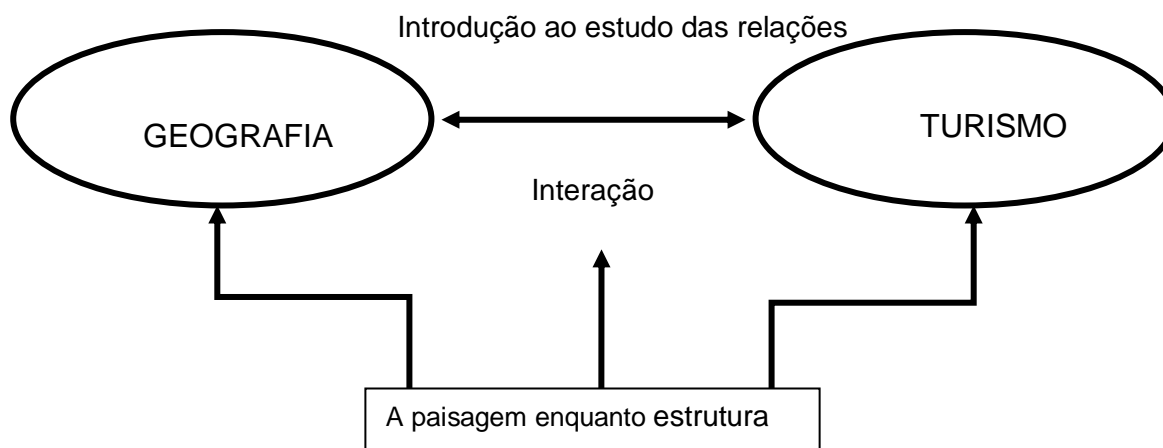
O estudo das interações ou interdependências, nas últimas décadas, vem recebendo uma grande atenção por parte dos pesquisadores em geral e, em especial, dos geógrafos. Sob esse aspecto, a Geografia apresenta um rico campo de investigação, multidisciplinar, desde a sua gênese como ciência moderna. A compreensão do que é o espaço geográfico enquanto objeto de estudo da Geografia resulta da pesquisa de diversas disciplinas especializadas (Geomorfologia, Climatologia, Biogeografia) e da síntese de outros campos científicos (História, Sociologia, Filosofia), e muito tem contribuído para a análise integrada no meio ambiente natural e da humanidade.

Dentro de uma nova perspectiva de análise nas ciências, engendrada com mais força na segunda metade do século XX, balizada no pensamento complexo, os chamados estudos globais ou integrados começam a ser alvo de investigação, sobretudo em função de sua crescente importância para o planejamento e a utilização do meio ambiente e sua conservação para as gerações futuras. Apesar do grande esforço já feito durante meio século, não se alcançou ainda uma metodologia que fosse aceita pela maior parte da comunidade acadêmica e científica na linha do pensamento complexo. Talvez, em decorrência disso, a interdisciplinaridade ainda não alcançou seu estado de maturidade, na didática, no ensino básico e na academia. Para os professores, outros profissionais e, de modo especial, para aqueles do ensino básico no Brasil, são escassos os textos e as referências de investigação que tratam das interações de tipo setorial no meio ambiente natural. Tampouco, são numerosas as pesquisas que fazem convergir o campo de investigação entre as ciências em estudos pormenorizados e locais.

O que se procura neste artigo é fazer certo número de observações, que podem servir de introdução aos estudos voltados para algumas das mais importantes dentre essas interações setoriais: aquelas que envolvem a paisagem, e ensaiar o estudo da paisagem na perspectiva interdisciplinar da Geografia e do Turismo, no exemplo de caso de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa. As principais obras de referência utilizadas no trabalho remetem à história natural e humana do município de Santa Maria. Assim, o estudo da paisagem é o principal vetor para evidenciar nuances visíveis e sensíveis e, portanto, perceptíveis para delinear a biosfera da cidade e seu entorno. Na perspectiva da pesquisa qualitativa considera-se que a paisagem é natureza artificializada, socialmente construída, através do tempo, de diferentes expressões humanas. Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa permite a análise dessa interação e dos esforços construtivos dos participantes na adaptação e transformação da natureza. A concepção de mundo e o esforço construtivo dos indivíduos e dos grupos evidencia a matriz natural e cultural que, salienta a paisagem e designa uma identidade ao lugar. A paisagem é, também, a matriz econômica da sociedade, em sua vida cotidiana, e investigada por diferentes ciências. Sob esses aspectos, o estudo estabelece, de forma introdutória, algumas relações de investigação que aproximam o objeto de estudo da Geografia e do Turismo (Fig.1).

Figura 1. Perspectivas na pesquisa qualitativa.



Fonte: FLICK (2009, p. 75), adaptado.

Na primeira perspectiva, parte-se da paisagem enquanto estrutura que relaciona às ciências: o Turismo enquanto ciência emergente e a Geografia com o seu campo conceitual clássico. Na segunda perspectiva, parte-se, também, da paisagem sem, no entanto, aprofundar o estudo das relações entre as duas ciências, mas, evidencia-se a paisagem específica de Santa Maria em seus aspectos físicos (relevo) e humanos (história). Na terceira perspectiva, aborda-se o clima de Santa Maria e sua peculiaridade como importante fator turístico. E, na conclusão, salienta-se a paisagem em seus traços e nuances que designam a identidade à Santa Maria, enquanto lugar. Pode ser caracterizada como um relato da história natural e cultural, desenvolvida e entendida na criação racional e ordenada do território para o desenvolvimento turístico.

O TURISMO E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA

O Turismo tem uma dinâmica peculiar. Ao mesmo tempo em que é objeto de estudo acadêmico, é um fenômeno social e, também, é uma área de atuação profissional, um setor crescente da economia e uma atividade de lazer. A atividade turística é resultante de diversas ações produtivas, derivadas de diferentes setores sociais e que, a partir da segunda metade do século XX, recebe cada vez mais a atenção dos gerenciadores econômicos e dos administradores públicos. Se, por um lado, a importância social, econômica, política e cultural do Turismo, são iminentes, por outro, ainda se fazem necessários o estudo, a investigação e a construção de um referencial teórico que possa balizar a epistemologia do Turismo.

O Turismo representa uma nova ciência que, no campo teórico, ainda não constitui uma ciência independente, sistematizada e com antecedentes próprios, contando, por enquanto, com pesquisas de várias ciências. Desse modo, o estudo do Turismo exige ação interdisciplinar que busca pelo fenômeno turístico em diferentes áreas do conhecimento, como Antropologia, Filosofia, Ciências Políticas, Geografia, Psicologia, História, Direito, Sociologia e Economia. Também, utiliza-se de saberes da Gastronomia, Hotelaria e Administração. O campo eclético, que constitui a investigação do fenômeno turístico, não facilita a conduta científica em

Turismo, pois o método científico ainda é fortemente influenciado pelo pensamento racional e pelo cartesiano.

O Turismo ainda transita em diversos lastros teóricos, apropriando-se dos diferentes arcabouços científicos para construir o seu referencial epistemológico. Essa verdade, num primeiro momento, pode parecer uma desvantagem para uma ciência emergente e pode suscitar críticas no sentido de ter um objeto de estudo ainda indefinido ou amplo demais. No entanto, debruçado sob um olhar holístico, essa característica de transitar no eclético campo das ciências é, certamente, uma vantagem para tecer uma epistemologia no pensamento complexo.

O Turismo, portanto, ainda trafega impacientemente pelas áreas das Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, entre elas, a Geografia. Esta, indiscutivelmente, é fundamental por oferecer o campo de atuação da oferta turística: o espaço geográfico. Poucas ciências sociais e humanas possuem tantas aproximações em seus universos de estudos quanto a Geografia e o Turismo. Além disso, o Turismo assemelha-se com a Geografia na busca pelo seu objeto específico de análise. A Geografia traz, em sua gênese, enquanto ciência moderna, a síntese do conhecimento de várias ciências e, assim, construiu o seu próprio alinhamento epistemológico.

Mas, a principal relação entre a Geografia e o Turismo vai se estabelecer no espaço geográfico como alicerce da oferta turística. Apesar de serem classificados como ciências sociais e humanas, ambos mantêm fortes ligações com as ciências naturais, o que levou Santos (1996, p. 65) a afirmar “a Geografia não é física nem humana. A Geografia é da humanidade”. O espaço geográfico é um suporte na vida dos indivíduos e dos grupos independentes dos estágios de desenvolvimento tecnológico. Ele resulta da ação humana que interfere na realidade natural e cria paisagens humanas e humanizadas. Assim, o espaço geográfico modifica-se constantemente, e as paisagens incorporam novos objetos e novas técnicas criadas pelo conhecimento e pelo trabalho humano. Essas modificações relacionam e inter-relacionam os diferentes espaços geográficos e criam a oferta turística que, para Sessa (1983) “é o resultado de todas aquelas atividades produtivas que servem à formação dos bens e serviços necessários à satisfação da necessidade turística e que se exprimem no consumo turístico” (p. 47).

Segundo Castrogiovanni (2000), esses bens compreendem a paisagem, entendida como um conceito que traduz o aspecto visível e invisível de um lugar. Ela envolve os elementos físicos/naturais e suas interações, como também todas as intervenções e articulações provocadas pela ação humana. Para Santos (1997), a paisagem é o resultado do acúmulo das ações temporais.

O espaço está no centro das preocupações dos mais variados profissionais. Para alguns, objeto de conhecimento, para outros, simples meio de trabalho. Há, também, os que o veem como um produto histórico e como um processo histórico. Segundo Santos e Souza (1996,), pode-se concluir que “o espaço é o mais interdisciplinar dos objetos concretos” (p.1). Todos os espaços são geográficos porque são determinados pelo movimento da sociedade e da produção. Assim, tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos da sociedade numa realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.

Para Rodrigues (1997), “a paisagem é um notável recurso turístico desvelando alguns objetos e camuflando outros por meio da posição do observador, quando pretende encantar ou seduzir” (p. 72). Este aspecto cognitivo é percebido por Santos (1998) como sendo “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do

visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons” (p. 21). A paisagem é aquilo que se vê. Ver significa conhecer e perceber, compreender e interpretar. Cada qual vê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam (Boff, 2004). É desafiante estender a todas as paisagens geográficas os necessários atributos para adjetivá-las como turísticas, pois as paisagens turísticas, “devem dar conta das motivações dos visitantes que as contemplam ou as utilizam” (Castrogiovanni, 2000, p. 132). Para tanto, é fundamental o pleno conhecimento/estudo dos elementos que compõem as paisagens.

A PAISAGEM VISÍVEL E INVISÍVEL DE SANTA MARIA

As cidades, em geral, possuem características naturais e culturais marcantes e de relevância histórica importante para a formação de sua memória. Oficialmente, Santa Maria comemora sua emancipação política em 17 de maio de 1858. No entanto, a origem da cidade de Santa Maria é marcada sob dois aspectos, um lendário e outro militar.

A lenda de Imembuí e Morotin memoriza a formação territorial e social da cidade e simboliza a constituição multirracial de sua gente. Foi escrita, na versão original, por Cezimbra Jaques, em 1912, mas ao longo dos anos a mesma ganhou diversas versões e foi recontada pela escritora Aristilda Rechia (2008). De acordo com essa lenda, Santa Maria teve sua origem no amor que uniu uma índia, Imembuí, da tribo dos Minuanos, com um branco, bandeirante, Morotin, nas margens do Arroio Itaimbé, que hoje corre canalizado sob o calçamento do Parque Itaimbé, na área central da cidade. O índio é o elemento etnográfico que, segundo a lenda, serve de ligação para a miscigenação e a formação multirracial da população santa-mariense. No entanto, os estudos de Santos (2011), indicam que os índios Minuanos, dos quais trata a lenda, nada são na representação social de constituição da população da cidade. Os Kaingang e mesmo os Guarani, que vivem na cidade, nada têm a ver com os índios corajosos e guerreiros da tribo de Imembuí e em nada se parecem com os índios das histórias e das lendas.

Ao etnografar o centro urbano de Santa Maria e a presença de indígenas empobrecidos pelas ruas da cidade, Santos (2011), buscou ouvir, também, os transeuntes, ou seja, a população de Santa Maria, e a ideia que se repetia era a de tolerância, por vezes até uma relativa aceitação, mas nunca uma ideia de espaço retomado, de presença originária, ou de retorno. A presença indígena na história de formação de Santa Maria, atualmente desintegrada de seu ambiente natural e social, é um elemento desafiador tanto do ponto de vista social, quanto econômico. Resta, no entanto, uma identidade cultural dos indígenas conforme constatado por Santos (2011) quando, em sua dissertação, conclui que “as transformações não param e a cultura se renova, mas sempre nos mesmos alicerces de origem” (p. 116). O índio é um filho gaúcho, hoje, quase desconhecido. É necessário valorizá-lo.

O outro aspecto ligado à fundação de Santa Maria é militar e está associado às disputas hispânico-portuguesas pelo território ao Sul do Brasil, ou seja, a cidade possui um mercado caráter militar, fortemente influenciado pela sua posição geopolítica no território do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, a origem da cidade está assentada no fato histórico da Demarcação de Limites da América Latina, estabelecido pelo Tratado de Santo Ildefonso, entre Espanha e Portugal, na segunda metade do século XVIII, entre 1757 e 1797. Desde o início, a cidade assume, também, a função de entreposto comercial e de trampolim no que diz respeito à apropriação do interior, central e oeste, da então Província. Em decorrência, Santa Maria,

inicialmente povoada por indígenas, mesclou-se rapidamente com descendentes de espanhóis e portugueses e logo incrementou seu perfil multicultural com a chegada dos imigrantes alemães e italianos. A presença da imigração na região começou em 1877/78, quando as primeiras levas se dirigiram para a Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, criada em 1877, na região Centro-Oeste do Estado. Situada entre Santa Maria e Cachoeira do Sul, o núcleo colonial de Silveira Martins receberia as primeiras 70 famílias de imigrantes vindos do norte da Itália, naquele mesmo ano (Zanini, 2010).

Outras tantas etnias povoaram a cidade, no alvorecer do século XX, destacando a criação da primeira colônia de imigração judaica do país. Sírio-libaneses, árabes, indianos, poloneses e africanos também se aliam nesse complexo e heterogêneo contexto sociocultural, conferindo a Santa Maria um caráter de respeito e acolhimento às etnias e confirmando, no decorrer do século XX, o título de Cidade Cultura. Mas é no final do século XIX, que Santa Maria ganharia um de seus atributos mais pujantes, a ferrovia. O ano de 1885 marca o início dos trilhos para a Viação Férrea em Santa Maria, e os próximos trinta anos fariam de Santa Maria o entroncamento ferroviário do Rio Grande do Sul que significaria um grandioso desenvolvimento e, talvez, o maior da história de Santa Maria. A cidade se transformou. Ganhou hotéis, cafés, teatro, avenidas, casas comerciais e escolas de formação requintadas.

O declínio do transporte ferroviário no Brasil, no final da primeira metade do século XX, trouxe para Santa Maria um crepúsculo econômico revitalizado por meio de outras dinâmicas econômicas, especialmente ancoradas na prestação de serviços, unidades militares e acadêmicas. As principais características funcionais estão intrinsecamente vinculadas ao setor terciário (comércio e prestação de serviços), que absorve 80% da população economicamente ativa do município (FEE, 2010). Em segundo, aparece o setor primário de atividades e, por último, o setor secundário que engloba indústrias de pequeno e médio porte que, em geral, são representadas pelas fábricas de móveis e alimentos. A cidade apresentou, na última década do século XX, um significativo crescimento educacional, o que a tornou o mais importante centro urbano educacional do interior do Estado. Sobressai-se, também, como um importante centro médico-hospitalar, além de manter sua característica como importante centro militar, tendo, portanto, um significativo número de Unidades do Exército e Aeronáutica.

No entanto, a paisagem urbana, na área central da cidade, memoriza o passado iniciado na coxilha. Mas, o que é uma coxilha? Para se entender a noção de coxilha, deve-se construir a noção de que se trata de uma denominação regional do Rio Grande do Sul, usada para designar pequenas elevações ou colinas. Segundo Guerra (1989), as coxilhas são elevações arredondadas e de pequena altitude que se destacam na área peneplanizada, cuja cumeada se apresenta, quando vista de longe, com o aspecto de uma faca (*cuchilla*, em espanhol). Vistas do alto, as coxilhas se assemelhavam a um mar de morros, com topos arredondados e flancos suaves.

A nucleação urbana de Santa Maria vai ser tecida a partir do acampamento dos militares responsáveis pela Demarcação de Limites da América Latina, entre Espanha e Portugal, no topo da coxilha, na atual Praça Saldanha Marinho e, no flanco oeste da coxilha, atual Rua do Acampamento; no flanco leste da coxilha, a Avenida Rio Branco. A partir da ocupação inicial de uma coxilha, aos poucos e, especialmente, no final do século XIX, surgem novos arrabaldes em meio ao sobe e desce das coxilhas. Essa paisagem formada por um mar de morros com topos arredondados e com flancos suaves, as coxilhas, continua sendo própria da área urbana central e também em seus arredores, apesar da intensa ocupação imobiliária. No entanto, não é mais percebida pelo espectador, exceto, por aquele mais atento. Falta imprimir, na memória

coletiva urbana, o processo de construção do próprio território, que corresponde ao centro urbano, a fim de um maior conhecimento e de valorização dos seus espaços vestidos de significações geográficas físico/naturais.

O sítio urbano original de Santa Maria, onde hoje existe o maior número de edificações verticais de significação histórica, encontra-se assentado sobre uma área sedimentar da Formação Caturrita que, constituída por arenitos intercalados com clásticos finos de origem fluvial, correspondendo ao setor mais elevado da área sedimentar, 150 metros de altitude, cujas declividades giram em torno de 6,9% a 8,3% (Sartori, 2009). Como o centro da cidade é a área mais elevada, constitui um importante divisor, que separa as águas dos tributários das duas principais sub-bacias do sítio urbano: os afluentes do rio Vacacaí-Mirim (a leste) e do arroio Cadena (a oeste). Entretanto, ao considerar o perímetro urbano como um todo, Maciel Filho (1990) destaca que a maior parte dele está assentada sobre a formação Santa Maria, composta por siltitos e arenitos argilosos estratificados e lamitos. Apresenta uma topografia de coxilhas com flancos mais suaves, onde as declividades são inferiores a 6% e com altitudes que não ultrapassam os 100 metros.

Santa Maria situa-se na Zona Extra Tropical, em torno do paralelo 29°S. O município localiza-se entre os paralelos 29°39'53" a 29°43'56" de Latitude Sul e dos meridianos 53°50'22" a 53°45' de Longitude Oeste, estendendo-se por uma zona de transição entre o Planalto da Bacia Paraná e a Depressão Periférica Sul-rio-grandense. É nessa transição que ocorre o domínio de planícies aluviais e coxilhas, sendo que as altitudes máximas ficam em torno de 400m (ao norte) e, as mínimas, cerca de 40m (ao sul). As áreas altas, que são as encostas dos morros, geologicamente muito antigas e, conseqüentemente, desgastadas pela erosão, apresentam topo pouco acidentado. A Serra Geral, uma unidade morfoescultural, resultante da erosão regressiva da borda meridional do Planalto da Bacia do Paraná, está localizada na extremidade norte da cidade. Localmente, é conhecida como Serra do Pinhal e apresenta alguns morros (Sartori, 2009). Entre estes, os mais altos são o morro da Caturrita, com altitude de 428 metros, capeado pelo riólito granófiro da sequência superior ácida da Formação Serra Geral, e o Morro do Link, coberto por arenito *intertrap* que recobre o primeiro derrame de basalto da sequência inferior básica da referida formação, situado ao norte do centro da cidade.

A Montanha Russa é uma unidade morfológica, situada ao norte do centro da cidade, e sua denominação atual designa um conjunto de quatro morros da Serra do Pinhal, com altitudes crescentes de 339, 435, 450 e 459 metros, rumo norte. A denominação Montanha Russa deriva de um parque que existiu entre 1907 e 1932, nas imediações do local onde, atualmente, foi construída a Barragem do Vacacaí-Mirim, e, na época, era frequentado pela sociedade santa-mariense em estilo de grande *glamour* (Marchiori & Noal Filho, 1997). Essa unidade morfológica apresenta intensa beleza cênica, acentuada pela imagem dos morros refletida nas águas calmas da Barragem a cada anoitecer. Esse conjunto forma um mosaico cujo patrimônio cultural e natural é único e poderia tornar-se um Parque Municipal da Barragem do Vacacaí-Mirim. O projeto poderia priorizar não apenas os recursos naturais como água, solo e vegetação mas também estabelecer certos ordenamentos para a utilização adequada do entorno da Barragem, inclusive para as atividades de lazer e recreação. Essa área necessita de cuidado e deve ser (re)conhecida pela comunidade santa-mariense e incorporada como seu patrimônio natural. Para tanto, ações de Turismo Natureza podem ser implantados no local, como forma de assegurar a proteção sem onerar, em demasia, o poder público municipal.

Segundo a Lei 9.985, de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, tanto um Parque Nacional quanto um Parque Estadual ou Parque

Natural Municipal têm como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande e reconhecida relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. Portanto, a manutenção de espaços naturais e de áreas verdes em ambientes urbanos constitui uma ação de muita importância para a manutenção daquelas características ambientais favoráveis e compatíveis com a busca de uma melhor qualidade de vida. A manutenção de parques e as áreas verdes podem, ainda, proporcionar o desenvolvimento de inúmeros trabalhos de caráter histórico, geográfico e cultural, para os diferentes cursos nas várias universidades presentes na cidade de Santa Maria.

Sob esse aspecto, a mudança engendrada pela cidade de Portland, no estado de Oregon, no noroeste dos Estados Unidos, pode ser exemplo para muitos municípios brasileiros que buscam qualidade ambiental. Portland investiu na preservação de áreas verdes e construiu a malha de transporte pública mais diversificada dos Estados Unidos. A cidade apresenta 376 Km² de área metropolitana, com 594 mil habitantes e, mantém 288 parques e áreas verdes, sendo que 26% da cidade é coberta por copas de árvores. O sistema viário é eficaz a ponto de 84% dos usuários terem carro particular, mas preferirem utilizar o transporte público. A paisagem urbana de Portland contém outro elemento interessante, as ciclovias. São 520 km de ciclovias, seguras e intensamente utilizadas como vias de transporte e de lazer.

Em sua paisagem urbana, Santa Maria ainda apresenta morros testemunhos, entendidos, segundo Guerra (1989), como sendo uma colina de topo mais ou menos plano situado adiante de uma escarpa de *cuesta*, mantido pela camada mais resistente. O Cerro de Santa Maria (atualmente também conhecido como Morro Cechella), com altitude de 275 metros, recoberto pelo primeiro derrame vulcânico de basalto, constitui um morro testemunho, engastado que faz parte do alinhamento da Serra Geral. Seu topo é do tipo tabular, pois abriga espécies da vegetação original, do tipo arbustos, popularmente denominados Laranjeira-do-mato, Cincho, Urtigão e árvores altas, a exemplo do Umbu, Mamica-de-cadela, Cedro, Cangerana, Louro, Cabriúva, Angico, Grábia, Timbaúva, Açoita-cavalo e Canela. Embora o fator altitude tenda a ser capitalizado como uma das grandes possibilidades para apreensão das belezas, o Morro Cechella encontra-se desprovido de condições adequadas de acesso, segurança e equipamentos. De forma similar, a vegetação nativa pode tornar-se objeto de contemplação e de observação e, assim, possibilitar a formação de trilhas e o aproveitamento do patrimônio natural para o turismo e lazer. Contrariamente, observa-se, em Santa Maria, um agravamento da não utilização de seu patrimônio natural.

O morro Cerrito, com 225 metros de altitude, apresenta, o topo do tipo agudo, coberto pelo segundo derrame de lava basáltica, e o Cerro Mariano da Rocha, com altitude de 245 metros, o topo do tipo convexo, capeado pelo derrame de riólito, constituem os morros testemunhos mais meridionais da Serra Geral. Alinhados com a Montanha Russa, formam o *Festão da Serra do Pinhal*, com direção geral nordeste-sudoeste, limitando o eixo leste de expansão da cidade. Tais formações revelam um relevo residual, com prolongamento meridional, oriundo dos derrames de lavas da Formação Serra Geral que extravasaram de forma transgressiva para o sul (Sartori, 2009).

A cidade é caprichosamente guardada por morros, formados pelos derrames basálticos da Era Mesozoica. E, em períodos mais recentes, da Era Cenozoica, os processos erosivos, associados aos climas úmidos, alternados com climas áridos e semiáridos, comandaram a modelagem da paisagem atual. Na época recente, o clima subtropical úmido favoreceu o recobrimento vegetal de todo modelado, freando o processo de dissecação pluvial associado à erosão e à

deposição que resultou nas atuais formas do relevo que emolduram a cidade. Por isso, também, denominada carinhosamente de Santa Maria da Boca do Monte.

Na paisagem, o centro da cidade é o divisor de águas que separa as águas dos tributários das duas principais sub-bacias do sítio urbano: os afluentes do rio Vacacaí-Mirim (a leste) e do Arroio Cadena (a oeste). Em seu percurso, ambos não recebem os devidos cuidados, nem da população e, tampouco, da administração adequada do poder público municipal. Assim, em seus cursos e em suas margens, há necessidade de uma intervenção cultural, ambiental, política e econômica para que a cidade retome seu patrimônio natural reconhecido nesses dois cursos de água.

No município, a hidrografia revela duas peculiaridades. Primeiramente, chama a atenção o fato de que o município não é atravessado por nenhum curso de água grande: o maior existente, o Vacacaí, não atravessa o território municipal, apenas delimita sua fronteira sul. Por outro lado, tanto o Vacacaí-Mirim quanto o Arroio Cadena, ambos situados integralmente dentro da área do limite municipal, não possuem as características de um grande rio (Sutilli; Durlo e Bressan, 2009). A maior parte da área do município de Santa Maria, em termos hidrográficos, pertence à bacia do Guaíba (Laguna dos Patos). Apenas poucos e pequenos cursos de água do noroeste (distrito de Boca do Monte) direcionam-se para o Rio Ibicuí, o qual marca limite nordeste do município e aflui ao Rio Uruguai.

O CLIMA DE SANTA MARIA COMO FATOR TURÍSTICO

Santa Maria situa-se na faixa subtropical, na porção centro-oriental do continente americano. O clima é um dos fatores naturais de maior relevância, tanto para o chamado turismo sazonal como para o de eventos. As variáveis climáticas não são apenas sazonais, mas também se manifestam no dia-a-dia. Por isso, conhecer o clima é fator fundamental no sucesso do ordenamento dos atrativos e do planejamento turístico de um lugar. Somente com pleno conhecimento climático, é possível buscar-se formas de incorporá-lo ao patrimônio turístico.

O clima é o conjunto de estados do tempo meteorológico que caracteriza o meio ambiente atmosférico de uma determinada região ao longo do ano. O clima, para ser definido, considera um subconjunto dos possíveis estados atmosféricos e, para tal, requer a análise de uma longa série de dados meteorológicos e ambientais. Por longa série, se entende um período de dezenas de anos. A Organização Mundial de Meteorologia (WMO) recomenda 30 anos para a análise climática. O tempo meteorológico é o estado momentâneo das condições de umidade e de temperatura, ou tempo a ser previsto pelos meteorologistas, que se estende no máximo a 15 dias.

A posição astronômica, ou seja, a distância do Equador e dos Polos terrestres é responsável pelo aspecto mesotermal, temperaturas médias. As condições de pluviosidade dependem das massas de ar tropicais e polares que invadem periodicamente o território gaúcho. No Rio Grande do Sul, o ar atmosférico varia muito no decorrer do ano. Isso acontece devido à posição geográfica do estado, que o torna ora dominado por massas de ar tropicais, ora por massas de ar polares.

Santa Maria é um dos locais mais quentes do Rio Grande do Sul em função de sua continentalidade e baixa altitude. A continentalidade, ou seja, a localização geográfica central no Estado, que denomina, carinhosamente, a cidade de 'coração do Rio Grande', acentua o

rigor das altas temperaturas no verão. Associada a baixa altitude do relevo, a sensação térmica é ainda mais elevada. No centro de Santa Maria, as áreas cobertas por habitações e por pavimentações apresentam uma diferenciação microclimática em relação direta com as densidades das mesmas. É comum observarem-se quatro graus de diferença entre as temperaturas de um bairro residencial, a exemplo do bairro Camobi, quando comparadas, num mesmo instante, com as do Bairro Centro.

A estação do verão é bastante quente em Santa Maria, com média mensal normal das temperaturas máximas diárias do ar acima de 29,5°C nos meses de dezembro a fevereiro. A estação do inverno é amena, mas sujeita a ondas de frio provocadas pelo deslocamento frequente de anticiclones polares migratórios, que podem causar geadas. Assim, nos meses de abril a setembro, a região está sujeita a geadas fracas e moderadas. Nos meses de junho a agosto, são registradas as temperaturas mais baixas, com média mensal normal das temperaturas mínimas diárias do ar em torno de 14,6° (Heldwein; Buriol & Streck, 2009). A ocorrência sazonal de geadas transforma a paisagem de Santa Maria que, de forma metafórica, se cobre de um “véu branco” durante as madrugadas frias, de céu “transparente” (sem nuvens e brisa fraca). Essa paisagem se dissipa, aos poucos, à medida que o Sol nasce e se estabelece, soberano, como Anaxágoras imaginava o Sol de Peloponeso². A geada recolhe seu véu, mas não sem antes rabiscar, em cores ocre, as pastagens e os campos. As plumas esvoaçadas que saem das chaminés contracenam com o azul límpido do céu. São as lareiras e os fogões a lenha, com fogo aceso, que aquecem os sentimentos e o sabor da tradição do chimarrão, dos cafés, das cucas e das sopas da culinária local, eclética e saborosa.

As temperaturas oscilam durante o dia e mudam durante as estações do ano. Essa variabilidade durante o ano, a amplitude térmica anual (diferença entre o mês mais quente e o mês mais frio) é característica de um clima subtropical. Segundo Moreno (1961), o clima mesotérmico e úmido de Santa Maria define-se, conforme a classificação de Köppen, como do tipo fundamental Cfa, caracterizado como subtropical úmido com verões quentes, sem estação seca definida.

A umidade relativa do ar é outro componente importante na caracterização do clima de um lugar. A umidade relativa do ar constitui um dos parâmetros de quantificação do conteúdo de vapor de água na atmosfera e varia de 0 a 100%. Em Santa Maria, os valores médios são altos e atingem um máximo de 85% em abril e um mínimo de 75% em janeiro (Moreno, 1961). Em função da alta umidade relativa do ar e do relevo, Santa Maria tem grande incidência de nevoeiros e, em consequência, é um dos municípios do Rio Grande do Sul com menor disponibilidade de insolação e radiação solar. A insolação é o tempo em horas de brilho de Sol na superfície terrestre, sem interferência de sombreamento por nuvens ou nevoeiros.

Os nevoeiros conferem uma paisagem mística a Santa Maria e a toda região central do Estado. Formam-se próximos à superfície e são extremamente densos, dificultando a visibilidade para além de 50 metros. Mas, o seu efeito, a partir da interferência do Sol, é um espetáculo da natureza. A luz do Sol parece que espreita a névoa que se dissipa e as gotículas de água que parecem “brotar” nas plantações, nos jardins e nas construções. A localização geográfica de Santa Maria, na Depressão Central, é uma das condições essenciais para a formação dos constantes nevoeiros. Além disso, também é condicionante para sua formação, a elevada umidade do ar durante a tarde, o céu limpo, ventos fracos e forte arrefecimento noturno pela

² Anaxágoras foi um pensador da filosofia pré-socrática e teve a ousadia de afirmar que o Sol era maior que Peloponeso. Motivo pelo qual foi expulso de sua polis, na costa ocidental da Ásia Menor, por volta de 500 a. C.

radiação terrestre. A precipitação pluviométrica ou chuva se distribuem ao longo do ano. Isso indica que, em Santa Maria, o regime pluviométrico é isoigro, segundo os estudos de uma série histórica 1912-2004 da estação do Instituto Nacional de meteorologia (INMET) em Santa Maria, elaborada por Buriol (2006). As médias mensais normais oscilam e acumulam no ano uma média normal de 1.712,4mm. Para entender: cada 1,0mm de precipitação corresponde a um volume de 1,0 litro de água em uma área de 1,0m².

Santa Maria é caracterizada pelo Vento Norte ou São Martinho, embora predomine o Sudestado ou Carpinteiro, um vento frio e úmido, com direção média do quadrante leste, podendo variar desde a direção sul até nordeste, com maior frequência de direção sudeste, o que explica o seu nome. Nos meses de inverno, a cidade é frequentemente atingida pelo vento Minuano, frio, oriundo da direção sul. Esses três ventos são resultantes da circulação atmosférica geral e secundária que atua no Estado. O vento é o ar em movimento no sentido horizontal ou paralelo à superfície e movimenta-se de um local para outro por diferença horizontal de pressão atmosférica. Portanto, o deslocamento dos ventos é dos locais de alta pressão para locais de baixa pressão. O vento Norte tem como características ser quente e seco, com direção média do quadrante norte, podendo variar desde nordeste a noroeste. É um vento com velocidade moderada a forte, atingindo com frequência rajadas acima de 50km/h, especialmente de madrugada e no início da manhã (Heldwein et al., 2009).

CONCLUSÃO

A conclusão para este texto poderia, talvez, ser apresentada com o título 'Santa Maria com seus Traços e Nuances' e iniciar com a poesia, de letra e música de Beto Pires, intitulada Santa Maria.

Meu monumento estradas e trilhos / Minha saudade este tempo que vai / Este Cerrito / Estes montes me guardam / E ainda guardam se um dia eu voltar pra ti.

Santa Maria me guarde estes montes / Que em suas fontes há som de oração / Santa Maria da boca do monte / Pra ti meu canto, acalanto e canção...

Sol na praça presidente, quente é teu calor / Muita banda na varanda e na orelha um cobertor / Tanta vida diferente, tanta gente vem e vai / Incerteza de quem entra, mas saudade de quem sai...

Tchau na estação quem ainda não deu / Não entendeu quem lá vai quem já vem / Triste é sentir virar som de saudade quando vai longe o apito do trem

Santa Maria, Maria da Graça, doce menina, Maria Fumaça / Verde tão verde tão cheia de si / Que da vontade de cantar pra ti.

O lugar, Santa Maria 'da Boca do Monte', sublinha os aspectos que o tornaram irrepitível, fraterno e acolhedor aos habitantes e aos 'forasteiros' em diferentes épocas. O coração do Rio Grande do Sul! Vista do alto, do rebordo da Serra Geral ou, simplesmente, do morro, Santa Maria continua linda como na lenda! Nas palavras de Marchiori e Noal (1997), a paisagem de Santa Maria é impagável. Marcada pelo contraste entre suaves coxilhas, na Depressão Central, e o rebordo da Serra Geral, com sua densa floresta, ao norte da cidade, integra a Reserva da

Biosfera da Mata Atlântica (Unesco, 1992), espaço geográfico é composto por um patrimônio natural de valor inestimável.

Santa Maria, situada no centro do Rio Grande do Sul, possui um valioso patrimônio natural, composto por uma sequência de morros recobertos de florestas naturais e, no encaixe do relevo pequenos córregos e riachos, se insinuam e deslocam suas águas para o Vacacaí-Mirim e o Cadena. O clima, na classificação de Köppen, é definido como subtropical úmido, mas é o vento Norte que marca a cidade, com seu uivo, sua força e sua velocidade.

Santa Maria também possui uma preciosa população multirracial. Nela habitam os herdeiros da terra, indígenas; os demarcadores, portugueses; os imigrantes, italianos, alemães, espanhóis, afrodescendentes, belgas e muitos outros. Habitam, também, os herdeiros do futuro, os estudantes, os recém-recrutados, as noviças e os jovens comerciantes. Não raro, esses jovens vêm de longe, de outras cidades e de outros estados do país e encontram em Santa Maria uma cidade hospitaleira. As famílias, as instituições e a religiosidade, marcantes na cidade, recebem os jovens forasteiros com cordialidade no coração.

Para quem vem e para quem já foi Santa Maria é a cidade coração, tanto pela localização geográfica quanto pela hospitalidade. *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint Exupéry, insistia na força do coração ao dizer “é com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry, 1977, p.43). É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. O Pequeno Príncipe, talvez, estivesse certo. A sociedade contemporânea procura retomar a centralidade da reflexão nos sentimentos, para além do cartesiano. Daniel Goleman, em seu livro *Inteligência emocional*, resgatou aquilo que a filosofia franciscana medieval já ensinava: a dinâmica do humano é o sentimento, é o cuidado, é a lógica do coração (Merino, 1999). A mente racional, afirma Goleman (2004), “leva um ou dois momentos mais para registrar e reagir do que a mente emocional. O primeiro impulso [...] é do coração, não da cabeça” (p. 11).

O coração humano é capaz de produzir um sentimento profundo chamado cuidado em relação às coisas e às pessoas. Esse sentimento profundo transforma todas as realidades. A cidade de Santa Maria, antes de tudo, precisa desse cuidado, enquanto natureza e sociedade. E, agora, sua gente está em melhores condições para entender, em profundidade, o cuidado que vem do coração. A cidade abriga instituições que já perpassaram um século, que contracenam com novas instituições e que, assim, se complementam: o velho e o novo, lado a lado, em perspectivas para o futuro de Santa Maria.

Observa-se, em Santa Maria, uma estagnação e uma não utilização de seu patrimônio natural e cultural para o turismo e o lazer. Muitas possibilidades existem. Geograficamente, é de invejável riqueza quanto às possibilidades naturais. O balanço do patrimônio natural e o seu cuidado são os primeiros passos para a avaliação turística de um lugar ou região e, assim, contribuir para o desenvolvimento econômico local e regional. Nesse sentido, a paisagem é um modo de representação da natureza e da imagem cultural do lugar que, nesse artigo, permite fazer certo número de observações, que servem de introdução aos estudos da paisagem na perspectiva interdisciplinar da Geografia e do Turismo, como temática em estudos futuros, para alavancar uma alternativa para o desenvolvimento local para Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

REFERÊNCIAS

- Boff, L. (2004). *A águia e a galinha*. Uma metáfora da condição humana. São Paulo: Vozes.
- Buriol, G. A. (2006). Homogeneidade e estatísticas descritivas dos totais mensais e anuais de chuva de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Recursos Hídricos*, Porto Alegre, v. 11, n. 4.
- Castrogiovanni, A. C. (2000). *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artmed.
- FEE - Fundação de Economia e Estatística. (2010). *Resumo Estatístico Municipal*. Porto Alegre. Versão 12/10. CD-ROM.
- Guerra, A. T. (1989). *Dicionário geológico – geomorfológico*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Goleman, D. (2004). *Inteligência emocional*. São Paulo: Objetiva.
- Heldwein, A. B.; Buriol, G. A. & treck, N. A. (2009). *O clima de Santa Maria*. *Santa Maria: Revista Ciência & Ambiente*, jan/jun.
- Maciel Filho, C. L. (1990). *Carta dos condicionantes a ocupação de Santa Maria - RS*. Santa Maria: Ed. da UFSM.
- Marchiori, J. N. C. & Noal Filho, V. A. (1997). *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Ed. UFSM.
- Marchiori, J. N. C. & Noal Filho, V. A. (2009). A paisagem de Santa Maria na perspectiva de antigos viajantes. *Santa Maria: Revista Ciência & Ambiente*. Jan/jun.
- Merino, J. A. (1999). *Humanismo franciscano: franciscanismo e mundo atual*. Petrópolis: FFB.
- Moreno, J. A. (1961). *Clima do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, Diretoria de Terras e Colonização, Seção de Geografia.
- Pires, B. (2013). *Santa Maria*. Disponível em <http://letras.mus.br/beto-pires/1769751>, acesso em 31 de maio de 2013.
- Rechia, A. (2008). *Origem lendária de santa Maria*. Disponível em <http://santamaria-rs-brasil.blogspot.com/2008/08/origem-lendaria-desanta-maria.html>, acesso em 12 de maio de 2013.
- Rodrigues, A. B. (1997). *Turismo e espaço: rumo ao conhecimento interdisciplinar*. São Paulo: Hucitec.
- Saint-Exupery, A. (1977). *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir.
- Santos, D. A. dos (2011). *Práticas e táticas de um “fazer econômico”*: os Kaingang do setor Pedra Lisa - TI Guarita. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria.

Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. (1997). *Espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel.

Santos, M. (1998). *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. & Souza, M. A. A. de (1996). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel.

Sartori, P. L. P. (2009). Geologia e geomorfologia de Santa Maria. *Revista Ciência & Ambiente*. Jan/jun.

Sessa, A. (1983). *Turismo e política de desenvolvimento*. Porto Alegre: Uniontur.

Unesco. (1992). *Reserva da biosfera da Mata Atlântica*. Disponível em: www.rbma.org.br/, acesso em 29 de maio de 2013.

Sutili, F.; Durlo, M. & Bressan, D. (2009). Hidrografia de Santa Maria. Santa Maria: *Revista Ciência & Ambiente*. Jan/jun.

Zanini, M. C. C. (2010). A questão étnica no mundo ferroviário do trabalho em Santa Maria, RS. *Anais... X Encontro Estadual de História. O Brasil no Sul: Cruzando Fronteiras entre o Nacional e o Regional*. 2010. Santa Maria, RS.

Recebido em 2013-10-30

Revisões pelo autor em 2014-03-13

Aceite em 2014-04-06